

O SERTÃO ERRANTE
ESCRITOS DE VIAGEM LENDO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*¹

*Carlos Rodrigues Brandão*²
Universidade de Campinas, Campinas, Brasil

1. ESCRITOS DA ROSA DOS VENTOS

*Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe;
mas principal quero contar é o que eu não sei se sei,
e que pode ser que o senhor saiba.*

João Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas 217

quero lembrar

*Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mas haja-me!
Sofro pena de contar não... II.*

Não. É o exato oposto. Eu preciso narrar! Preciso de alguém, de um quem que me ouça! Pois a lembrança já é a minha vida-vivência narrada sem fim para mim mesmo. Lembrar não é apenas não esquecer. É não poder deixar de recontar para si mesmo. E se as lembranças fossem puras imagens sem as palavras que as acompanham? As palavras que chegam como lembranças, as palavras que se propõem às imagens lembradas, para que se possa “falar” com elas. As palavras que se inventa para dar um sentido ao que se lembra. Para tornar a lembrança compreensível, comunicável: para mim mesmo, para o outro. Por isso eu preciso dele, do ouvinte de quem sou narrador de minhas lembranças. Partilhar o sentido, conseguir cúmplices que compartilham comigo não o que eu vivi, mas o que eu preciso “dizer” disso ao outro. Para que eu mesmo creia? Não, ainda. Para que eu mesmo saiba.

Ah, o prazer perdido das lembranças sem palavras das evocações sem legenda, dos sentimentos sem um sentido!

¹ Este escrito é uma versão menor de um texto publicado em meu livro *Memória/Sertão*.

² Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: carlosdecaldas@gmail.com.

o gesto do vôo

Abriu em mim um susto; porque: passarinho que se debruça – o vôo já vem pronto! 13

Eu quero pensar isto fora de um sentido ético, proverbial. Nada tendo a ver com: “pau que nasce torto não endireita” etc. Quero imaginar a cena: quando o pássaro dá o sinal do vôo, no galho ainda, todo ele já está sendo feito. A beleza do gesto completo antecipado num mínimo prenúncio. Como o olhar de pergunta da pessoa que vai fazer ainda a pergunta, mas já tendo na interrogação dos olhos a pergunta toda pronta. Como a pessoa que vai contar a notícia da surpresa. Mas quando diz “ah!”, já contou. Como o céu de Minas, nublado agora, me traz evocações de outras chuvas e, mesmo não chovendo, já choveu...

Deus venha, armado!

Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por esse simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo, quando vier. Que venha armado! 17/18

Essa frase que já virou música e virou mote, eu gostaria de pensar de um outra maneira. Não é que até Deus precisa vir armado ao sertão, porque tudo lá é bravo demais e tudo se resolve com as balas, com as astúcias. É que sendo Deus quem criou o homem à sua imagem, e sendo o homem feito à imagem de Deus, se Ele vier ao mundo do sertão, que venha igual a como são os homens lá. Que ele venha à imagem dos homens de lá. Pois deve ser um direito do desejo das pessoas de cada lugar do mundo, que sendo os homens a imagem de Deus, Deus seja a imagem mais aproximada possível dos homens de cada lugar. “Deus é como nós, para eu poder ser como Deus”. Vindo, portanto, Deus ao Sertão, que venha como devem ser os de lá: astuto, armado.

ah, sonhar!

Quando o dia quebrava as barras eu escutava outros pássaros.

Tiriri, graúna, a fariscadeira, juriti-do-peito-branco ou a pomba-vermelha-do-mato-virgem. Mas mais o bem-te-vi 28

Cacteau dizia: “De dia, eu conto, mas, de noite, eu sonho”. Mas Bachelard diria: “De noite eu sonho, mas de dia eu devaneio”. E se a matéria involuntária – terrível, às vezes – do sonho serve aos profetas e aos analistas, a matéria do devaneio, desejada, advinda por um desejo, cabe aos

magos e aos poetas. Jagunços dos dois, Riobaldo e Diadorim se deixam várias vezes devanear sobre as delícias tangíveis do sertão manso. Uma beira de rio, onde perto da água tudo é bom; uma coleção de aves vindas pra perto; os cheiros amoroso das coisas boas do Gerais. Se o sonho é quem arma a trama das memórias reprimidas (mas do que é que se lembra quando se acorda de um sonho que, dormindo, se lembra?), o devaneio guarda suas lembranças. E ele é bom, um bem da alma, porque, além do prazer de vive-lo em seu presente repentino, entretece, como uma amorosa tecedeira, o tecido multicolor do fio das boas lembranças. Ele une o elo de momentos de puro deslumbramento, de uma contemplação encantada “Estar ali” por um momento de iluminação (nada de zen por agora, nada de satori!) é bom em si mesmo, no raio do instante. Mas, imediatamente, a lembrança do devaneante recupera outros “ali” parecidos: momentos, passagens, palavras. Como um poema, que evoca um riacho, que evoca um poema, que evoca um riacho.

lembrar, ainda

Duvido dez anos. Os pobres ventos no burro da noite. Deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas. Ahã. Deamar, deamo... Relembro Diadorim. Minha mulher que não me ouça. Moço: toda saudade é uma espécie de velhice. 34

Será isso o que se chama “viver de lembranças”? Alguma coisa mais do que apenas “rememorar”. Seja porque não se pode esquecer, por mais que se queira. Seja porque o que foi vivido está incompleto como significado da vida e, embora ela tenha seguido adiante, é preciso o tempo todo estar voltando do presente para trás, porque cada coisa de agora sente a falta de outras de outrora para ser compreendida. Para ser re-sentida: sentimento, sentido. Mas pode ser porque sempre o melhor amor, o melhor do amor, é o que se viveu em um outro tempo, quando então...

Rubem Alves gosta de repetir isso: *toda a saudade é uma espécie de velhice*. Falando pros outros, ele repete a frase de Riobaldo como um suspiro, às vezes antecedido de um: ah! Teria Riobaldo suspirado?

Mas Riobaldo lembra de outras coisas boas de antes, de uma maneira diferente. Porque houve um “antes de tudo acontecer” que foi bom, mas não foi forte o bastante:

Recordo tudo na minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado. Mas sem saudade (...) Para trás, não há paz.35

Eu penso que existe uma coisa nem sempre lembrada. Ela parece conspirar contra tudo o que dizem os psicanalistas. Pois eles remetem às lembranças e aos esquecimentos reprimidos para um

tempo muito remoto da vida. É que, em certas vidas pessoais, existe uma espécie de momento-eixo ordenador que, ele sim, divide todo o *antes* de todo o *depois* dele. Há uma vida – às vezes uma longa vida anterior – que se viveu antes “daquele então”. Depois passa a haver (por muito tempo? Por pouco? Para sempre?) uma vida “a partir de então”. Em Riobaldo o eixo da vida começa com o reencontro de Diadorim e termina com a morte dele e a descoberta terrível de sua verdadeira identidade. Algumas pessoas que escaparam de um grande infortúnio quando já adultas; algumas pessoas que encontraram às portas do outono o seu grande amor; alguns convertidos a uma nova fortíssima fé; alguns que dizem, quase velhos: “então, ou me descobri”, sabem exatamente como é essa vida começada depois de tanto viver. Tudo o que se lembra é “antes disto” e “isto”, ou é “depois disto”. Diadorim... Lembrar, entre memórias sem afetos e recordações de saudade, é um esforço para ordenar outra vez os “antes de agora”, de modo que na história da vida através da qual eu me reconheço como uma pessoa candidata a santo ou herói, os acontecimentos de todos, tornados meus eventos, tenham os valores desiguais que distingam em mim o trivial e o épico. E que me distingam dos outros, tão épico quanto possível. Inclusive de meus outros eus.

Exponho ao senhor que o sucedido sofrimento sobre foi já inteirado no começo, daí só mais aumentava. 39

nunca é...

Gritavam contra a gente, cada um asia sua sombra num palmo vivo d'água. O melhor de tudo é a água.43

Certo. E mesmo que Heráclito possa nunca ter dito isto, pois ele ama o fogo, antes e depois de lembrar que jamais nos molhamos duas vezes no mesmo rio, é certo que Riobaldo diga isto, no meio da travessia do Liso do Sussuarão.

Pois mesmo quando não se está sentindo a extrema falta dela, dos quatro elementos formadores de tudo – o fogo, a água, o ar e a terra – o melhor é mesmo a água.

Vejam:

Para trás, não há paz. 35

Para trás, sempre dá o prazer. 44

Mas é que a primeira fase tem a ver com as viagens da memória. Com o voltar de caminhos dentro de si mesmo. E a segunda, é quando se resolve desistir da travessia maldita e tornar para trás, caminhos do sertão: de volta à água, no frescor das sombras à beira de riachos. Em volta da vida.

Estranho que neste medroso “menino do destino”, o voltar nunca é ao mesmo lugar. Raras vezes o bando de jagunços retorna a um lugar já ido. E na vida de Riobaldo Tatarana, um lugar onde ele viveu e a maior parte dos lugares de onde passou, são um traço ou um ponto de travessia de onde sair para nunca mais. Por isso, ao final de tudo, ele está bem longe do lugar da partida, dono de terras, barranqueiro. Aliás, de todos os outros lugares de partir de novo.

riobaldo, plotino

Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Mesmo fui muito tolo! 52

Como conciliar, se é que isto é preciso, duas idéias que parecem opostas o tempo todo? A primeira: aos poucos, no correr da vida, a alma do outro se purifica. Os seus sentimentos e os seus conhecimentos da vida e do destino vão se apurando, de tal sorte que perto do fim, já na chegada, no chegar, é que tudo se esclarece. É que já não mais existem nem os erros e pecados e nem as dúvidas e desconhecimentos. A alma, enfim purificada, é plenamente santa e sábia. Pode chegar-se a Deus e estar com Ele. Estar nele.

A segunda: o real – a realidade da vida posta para o homem, assim como o conhecimento real desta realidade – está depois da partida e antes da chegada. Está no meio da travessia. Não no sentido budista de “o caminho do meio”, mas no sentido de Guimarães, de algo que “dá o sentido” pois está em movimento.

Porque é movente e heraclitianamente recusa a estabilidade para afirmar a resposta precisa a todas as perguntas.

Estranho que, ao contar a um outro a sua vida inteira, inteiramente, Riobaldo Tatarana conta, vimos, porque tem muitas perguntas. Tem ainda muitos escuros lugares esconsos de si mesmo, visões da vida passada a que ele teme voltar sozinho. Velho, ele está perto de completar a jornada. Mas, saído da travessia da vida anterior, terá perdido o rumo de seus sentidos e dos seus significados? Ou, como Sidarta, estará prestes a olhar o leito veloz do rio e descobrir ali, como num repente, como no fluir de um breve filme, a clara resposta de todos os mistérios?

encantar-se, depois

Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas não são de verdade! E de que é que, amiúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós

todos, as nossas almas já vendemos? Bobeira, minha. E como é que havia de ser possível? Hem?! 66

Mas, então, como dizer depois, pouco antes de morrer, que “as pessoas não morrem, ficam encantadas”?

Acordar de que espécie de encanto? Talvez da fantasia ilusória que oculte justamente o encantamento. Algum verdadeiro encantamento. Eis aí! Pois todos nós estamos sendo iludidos quando vemos a realidade real demais, e esquecemos de lembrar o seu lado de dentro, encantado, oculto aos olhos rasos, ao olhar apressado.

Lembro Platão de novo, porque Guimarães Rosa o lembrou para dizer: de que saudades não reconhecidas sentimos a presença afetuosa da lembrança? Que nomes não lembrados pronunciamos na alma do afeto anterior à fala? De que lugares realmente encantados viemos para querer acordar da realidade em que nos movemos e “voltar para lá”? não é que as pessoas e as coisas ao redor da vida de cada um não sejam verdade. É que a maneira como desaprendemos a conviver com elas, de relacionar umas com as outras e tudo com o fluxo da vida e seus sentidos, isto sim, ficou perdido. Ficou esquecido em algum lugar.

Os gregos de outros tempos sabiam que não-saber é uma espécie de esquecimento. Por isso, toda a velhice é uma espécie de saudade. E, ao contrário, toda a saudade é uma espécie de velhice. Porque, a um dado momento, quando já não é mais preciso fazer nada de “real”, de realmente “útil”, então chega o tempo de poder lembrar. De dar à recordação o lugar central na experiência diária da vida que ela sempre deveria ter tido. “Deixai-me lembrar!” Pois ali está a verdade essencial. Ali está a essência do saber que eu preciso conhecer para ser eu mesmo... pelo menos uma vez, antes de morrer e me encantar para sempre. Entre os gregos, não-saber é como “estar adormecido”. Haver “bebido das águas do rio do esquecimento”. Estar não-lembrado. Estar preso demais aos fragmentos ilusórios do real visível para poder estar atento, como quem borda ponto-de-cruz, aos “todos” da realidade encantada.

Susan Sontag, Barthes e Bachelard lembram a mesma coisa. Lembram que é preciso redescobrir o saber com sabor, o sabor do saber. Que, ao invés de interpretar para os outros, é melhor dizer a eles e a mim mesmo que eu sinto densamente dentro do coração, diante disto e daquilo. Isto é um saber com o afeto da alma. Não, a alma não vendemos porque talvez ela nem seja nossa. Mas estamos a todo momento no risco de perde-la. Como? ... Não crendo nela, pássaro fugaz do mistério e do encantamento.

De resto, as saudades são “incertas”. Se fossem certas, não seriam saudades.

a matéria vertente

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. 79

Concordo com Kathrin Holzemayr Rosenfield, para quem esta é a passagem chave do livro. Haveria outras? Por certo sim, mas elas convergiriam para este momento em que o narrador declara que a narrativa não importa. Que não importa a etnografia rústica da vida jagunça do existir sertanejo. O que interessa poderia ser desentranhado de outras contagens, até de outras vidas, outras experiências de amor e ódio, de bem e mal, entre outras diferentíssimas pessoas.

Porque o que está em questão é “o-que-faz-com-que”. É o mistério do que leva-a-algo, ao “dar corpo ao suceder”. Está em jogo o jogo das forças de tudo. O-que-move-a, aquilo que gera os acontecimentos e que já contém, só nisso, o seu significado.

A matéria vertente – vereda, verdade, vertigem, vir-a-ser – misterioso fluxo não dos acontecimentos, mas daquilo que os entrelaça. Pois não é o fio direto da travessia o que se vive, mas os seus incontáveis desvios, os desvios do rumo, os entre-destinos de todos, de tudo. A mistura não apenas dos grandes sujeitos e dos maiores eventos, mas dos mínimos sinais, das frágeis ocorrências fortuitas e do peso que o mínimo pode ter sobre o grande, e o fortuito sobre o definitivo.

Viver é muito perigoso, não por causa da soma dos riscos, mas porque é sempre imprevisível, mesmo quando o final de cada coisa pareça já estar traçado no ocultíssimo mapa de sua origem.

O destino existe não para ser cumprido, mas para se cumpri-lo.

sertão, o sem-fim

Sendo isto. Ao doido doideiras digo. (...) Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção. 79

É preciso haver andado ali, mesmo agora, quando a destruição do cerrado dá lugar a desertos vazios, cheios de falso verde dos eucaliptos. É preciso sentir-se, por um momento que seja, perdido

entre imensidões que são tão diferentes e tão iguais: cada curva de estrada, cada movimento de águas, cada fio de morro, para saber que do sertão nada se sabe, porque quanto mais se anda, mais existe ainda para se andar. A menos que se queira chegar a algum definido lugar, o que, conforme o caso, pode ser trair o sertão. Aí é mesmo para se falar, e com que assombro: *Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!* E colocar no fim da frase um ponto de exclamação!, para que o “grande” fique ainda maior, como se o tamanho do sem-fim precisasse ser gritado a quem o ouve. É que agora, sobrevoando de avião (e quantas vezes eu já fiz isto, entre Belo Horizonte e Salvador, entre Salvador e Brasília) ou passando de carro, rápido, pelo corte mentiroso da estrada de asfalto, se perde o sentido da lentidão devoradora com que o sertão imenso move seus seres. Tudo está acontecendo, tudo está em movimento, tudo flui... e, no entanto, tudo é tão interior – ao contrário do que parece ocorrer no mar – até parece que nada se move dentro do todo movente.

Dele, sabem poucos, pouquíssimos. “Só umas raríssimas pessoas”. Às vezes, descobrir no corpo a variação sutil dos ares do *sertão: Era mês de maio, em má lua, o frio fiava*. Meu Deus, que maravilha! Ou, então: *Eu ficava escutando – o barulho de coisas rompendo e caindo, e estralando surdo, desamparadas, lá dentro, Sertão!*

Pois assim como a melhor resposta pode vir da aparente pergunta mais boba, assim também os melhores ruídos do sertão saem de quanto tudo parece silêncio parado do cerrado, quando já não venta e ainda não chove. Certos setembros, alguns outubro.

lembrar só isso?

Não estou caçando desculpa para meus errados, não, o senhor reflita. O que me agradava era recordar aquela cantiga, estúrdia, que reinou para mim no meio da madrugada, ah, sim. 95

Às vezes, quantas interpretações longuíssimas sobre as razões ocultas de uma canção na estória. De um nome mesmo, dentre dela: *Siruíz... Sirius* etc. Mas pra que? É tão difícil acreditar que existem canções que se aprende, se cantarola pela vida afora e não se esquece mais, justamente porque elas são tão desimportantes? Por que não querem dizer nada, a não ser uma rima, um nome, o jeito de misturar duas imagens?

o sofrimento, de quem?

O que demasia na gente é a força feia do sofrimento, própria, não é a qualidade do sofrente. 104

Eu fico imaginando alguns teólogos que poderiam acreditar que os sentimentos criados por Deus existem neles mesmos. E precisam procurar pessoas que os tenham, para viver nelas as suas próprias vidas. Alguns poetas dizem: “há uma dor que dói em mim”. Será o caso? Como neste começo de poema de Camilo Pessanha:

“Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar. Se alguma dor me fere, em busca d’um abrigo.”

o fugidor

Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. 105

A bem: me fugi, e mais não pensei exato. Só, isso. O senhor sabe, se desprocede: a ação escorregada e aflita, mas sem substância narrável. 106

Me fugi. Fugi dos outros, de Diadorim. Mas, me fugi de mim mesmo? Fugi. Sei que há um destino e eu sou dele. Mas é disto que eu fujo. Não podendo ser pactário, não há contrato algum de fidelidade comigo e nem com nada. Que outra coisa foi feita a tempo todo, senão buscar nos outros a razão de ficar e encontrar em si mesmo os motivos de fugir? Fugir-se.

Observei em um outro momento – aqui? Onde? – que em *Grande Sertão: Veredas* todas as pessoas certas de seu destino e seguras dos seus motivos, entre Hermógenes, Medeiro Vaz, Diadorim e Joca Ramiro, são mortas pela mão de outros ou pela doença do destino. São poupados dele apenas os que sabem e não sabem, entre os personagens centrais: Zé Bebelo, um mutante de vidas e Riobaldo Tatarana, Urutu Branco, um errante de nomes e rumos. Um valente fugidor que, afinal estabelecido e casado, acaba a vida maio ou menos como começou, tendo no meio vivido a aventura de que não se esquece, que não pode esquecer, e que viveu o tempo todo querendo e não. Querendo por causa de um outro e não querendo por causa de si mesmo. Terá Diadorim morrido para que ele pudesse cumprir inteiramente o seu próprio destino, já que ele não soube viver por inteiro o destino proposto por ele/ela?

Mas o senhor calado convenha. Peça não ter resposta; que, senão, minha confissão aumento. Sabe, uma vez: no Tamanduá-tão, no barulho da guerra, eu vencendo, aí estremeci num relance claro de medo – medo só de mim, que eu mais não me reconhecia. Eu era alto, maior do que eu mesmo; e, de mim mesmo eu rindo, gargalhadas dava. 108

Pois, eis aí: é de alguém maior que um “si mesmo” que sempre se foge. Porque nunca se enfrenta um outro, a não ser este outro ele: eu. De resto:

...quando foi que minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível. Digo. 109

a lua, como tudo, semovente, sertão

Como os rios, como a vida: sete voltas e tudo ao mesmo tempo certo e incerto.

Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente...120

(...) a lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhaça do sertão – esse alto-Norte brabo começava. – esses rios têm de correr bem! Eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo, Dia da lua. 121

A lua tem quatro fases e nelas, e entre elas, é de uma maneira a cada noite. Ela está sempre mudando e é incerta: dia da lua. Mas pode-se medir, com precisão de segundos, o momento da passagem de uma fase à outra. Pode-se mesmo antecipar no desenho a imagem de como ela será a cada minuto de cada noite. Sendo mutante, é previsível, e não estando no segundo posterior nunca como estava antes, pode ser antecipada, segundo a segundo. Diferente do sertão, que parecendo bruto, parado, inerte e imóvel sob o sol de setembro, é sempre incerto. Ali, onde tudo também se repete, mas sem as certezas, e onde toda a previsão não passa de uma probabilidade. Seria bom pensar que tudo muda, tudo flui, e todo o dia Heráclito ganha de Permênides. Então, a diferença seria apenas a dos ritmos e das direções. Mas haveria uma outra: a maneira como cada ser que flui e muda é mais ou menos previsível.

o fingidor

Há, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos (...)

De mim, toda mentira aceito. O senhor não é igual? Nós todos. Mas eu sempre fui um fugidor. Ao que fugi até da precisão da fuga. 142

Onde é que as pessoas escapam de poderem ser alguma coisa escura do humano que nos ataca a todos? Fomos loucos, páginas atrás, e somos agora fingidores, mentirosos para nós mesmos e para a coleção dos outros, fingidores também. Fernando Pessoa, poeta, que o diga. Mas não. Este mesmo homem que aceita a si todas as boas mentiras e que finalmente confessa o que antecipava todo o tempo: que fugia e fugiu de tudo, a vida inteira, sabia muito bem separar as classes de

peças, mesmo entre as do seu mundo jagunço, de brabos astutos. Então, não havia um Joca Ramiro e um Hermógenes e, entre eles, uma espécie de gente incógnita como Zé Bebelo?

Não havia a diferença entre ele mesmo, fingidor, suspeito de suas próprias certezas, e uma pessoa furiosamente certa nos seus ódios, como Diadorim?

É que, mais antes, mais adiante, as peças ainda não foram terminadas.

acontecer interior

Diadorim perto de mim. Eu não queria conversa, as idéias que já estavam se acontecendo eram maiores. Assim eu ouvindo o ciciri dos grilos. 149

Mas o verdadeiro fluxo é o do acontecer interior. Ele pode provir de silêncios profundos e, sem seguidos momentos, recusar todo o contato com os outros, cujas conversas são ou tornam-se “fiadas”. Mas pode abrir-se a um diálogo inesperado, porém sempre reconhecido, com os cenários e os seres da natureza. Antes de mergulhar no acontecimento da idéias próprias, ficando maiores, ele ouve o ciciri dos grilos.

A alma do mundo natural fia os seus ruídos, as suas mensagens e, estranho, elas nunca são “fiadas”, como seguidas podem ser as conversas com as outras peças. A natureza está sempre aberta ao diálogo e que ela faz ouvir – sons, pios, ruídos de água, vento, silêncios – seguidamente diz algo, mesmo quando – e é sempre – ela não fala. Ao contrário dos humanos, que falam muito para dizer muito pouco. Até de Diadorim, Riobaldo, às vezes, quer distância e mesmo do compadre meu Quelemém é preciso desconfiar.

Todo pensamento certo de Riobaldo referente a Diadorim é o da fuga. A respeito da ameaça do amor entre os dois, tudo o que há para sentir é o maravilhamento do espanto, do absurdo. “Como pôde aquilo acontecer comigo?” “Na verdade, pode acontecer, ou eu estou no umbral de um delírio?” Tudo o que há para ser pensado a respeito acompanha a seqüência indecifrável do absurdo desesperador e desejado. O outro, no caso, não pode ser nem sequer real, já que a sua realidade é incompreensível. Tem de ser diáfano, apenas meio-existente, de tão presente: *Diadorim é a minha neblina.*

saber, saberem

O banguelê, num zunir: que vespassem. Estavam escutando sem entender, estavam ouvindo missa. Um, por si, de nada não sabia; mas a montoeira deles, exata, soubesse tudo. Estudei foi os chefes. 199

Uma reza eficaz nela mesma se pode obter uma grande graça, mesmo sem se ter a exata firme fé. Vimos que ela pode até ser rezada por outro e ter uma grande força. Igual, a missa é o que não se entende. Imaginemos sertanejos de muito antes ouvindo a missa num finório latim. Mas se não se entende o que se diz ali, se sabe muito bem a força do sentido de se estar ali. Isto entendem todos e, por isso, se vai ali.

Lembro-me das Folias de Santos Reis. Quando eu perguntava a um alguém da “Companhia” como era a sua parte, tocada ou cantada, era difícil a resposta com um desempenho em solo. Sozinha, a pessoa não sabia. Tocava no instrumento a sua passagem no todo. Saiu ruim. Cantarolava a parte de sua voz; pior ainda. Mas quando estavam todos juntos, no todo do conjunto, cada um sabia exatamente a sua parte e adivinhava com sabedoria a dos outros.

É porque as situações são diversas. Em algumas, é o grupo quem não sabe. Tomados todos, reunidos, ninguém sabe o que houve; o que se deve pensar sobre o acontecido. Em outras, como aqui, existe um saber que só se reconhece na partilha: cada um sozinho não sabe dizer a sua parte, mas, todos juntos, sabem o de todos e o de cada um.

Almas e sentimentos, tidos de afetos, sonoridades do espírito, algumas, alguns, não chegam até ao sujeito solitário e, como áreas de coro, só são inteligíveis quando se está entre todos. Sempre há um “ah!” que se diz em várias vozes.

Se fosse, se olhasse em certos ares, você veria o quê? Nada. Parece que coisa nenhuma não está acontecendo. É que entre eles, homens do sertão, tudo demanda uma certa demora. É como se o tempo de todos precisasse ser o da soma do tempo de cada um. As perguntas feitas ao léu precisam esperar o tempo em que o vôo delas pousa no silêncio de cada qual. Conversa-se muito devagar e o consenso demora. Às vezes, se ousa, se brinca. É quando se está jogando mais a sério. Dali sempre sai alguma coisa que rompe a prudência do silêncio. Gosta-se de conspirar, principalmente quando se acha que não se é inimigo de ninguém.

o sertão

E muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. Mas saímos, saímos. Subimos. 218

Gosto desta imagem: “sertão é quando menos se espera”. A idéia de que ele sobrevém. De que, sendo nós quem andamos, é ele quem chega. De que somos nós quem traçamos o rumo, mas é

ele quem dá a direção. Algumas pessoas, não é que se percam no sertão é ele quem faz que elas estejam perdidas.

Não basta dizer que alguns cenários estão vivos. Eles têm até as suas almas. Eles não amam, mas, a alguns, se deixam amar. Como o sertão, como as montanhas, como, muito longe, o mar.

Lugar perto da Guararavacã do Guaicuí. Tapera Nhá, nome que chamava-se. Ali era bom? Sossegava. Mas tem horas que eu me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. 218

o senhor vê:

Travessia de minha vida. Guararavacã – o senhor veja. O senhor escreva. As grandes coisas, antes de acontecerem (...)

Saudades dessas que respondem ao vento; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. 220

Saudade quase sempre se tem de cenas. De vivências, antigas algumas. Algo de onde eu vim, vivido. Algumas saudades parece que sempre são de ações: acontecimentos intervividos e relembrados. Certo. Mas existem saudades dos cenários. Guimarães Rosa parece estar sempre carregado delas. Não é preciso que nada tenha acontecido *ali*, para que *dali* ele não esqueça nunca mais. Mais até: é bom que não aconteça nada mesmo. Que depois de tantos outros acontecimentos intervividos em outros lugares, antes, depois, “ali” nada esteja acontecendo de importante, a não ser o acontecimento natural de se ter estado *ali*. É quando o “lugar” é quem age por si mesmo, para nós. O de que se lembra depois, quando se parou de fazer qualquer coisa para se deixar que a vida viva, são as mínimas coisas tornadas mágicas. Tornadas mágicas porque, de repente, a alma do outro deixou que elas o fossem.

Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares. Mas, lá na Guararavacã, eu estava bem. O gado ainda pastava, meu vizinho, cheiro de boi sempre alegria faz. Os quem-quem aos casais, corriam, catavam, permeio às reses, no liso do campo claro. Mas, nas árvores, pica-pau bate e grita. E escutei o barulho, vindo de dentro do mato. 221

onde, o amor

Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é quem me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. 236

Quando o amor é muito, e muito incerto, o próprio alvo do amor é o sentimento. Não se sente amor pelo outro. Se sente o outro como amor.

revelar-se, no oculto

A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde. – Ah: o Urutu Branco: assim é que você devia de se chamar... E amigos somos. 256

Há nomes públicos, há ápodos, apelidos postos por causa de um feito, de uma associação. Há nomes secretos, só entre dois: Riobaldo, Urutu Branco, Diadorim.

É porque os nomes ocultam sujeitos e revelam relações.

memória dos tempos, tempos da memória

Quem me entende? O que eu queria. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. Isto, já aprendi. A bobéia? 260

Foi assim. A gente só sabe bem aquilo que não entende. O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito. 286

E do trivial; mas não posso. Coisas que se deitarem, esqueci fora do rendimento. O que renovar e ter eu não consigo, modo nenhum. 286

Em algum outro lugar de que me esqueci agora, cito uma passagem em que Borges cita Plotino para lembrar que existem três tempo e todos eles se reduzem ao presente. Pois o passado só existe quando lembrado em um momento de presente e, então, já é ele. Do mesmo modo, eu só vivo o futuro quando o imagino, penso ou planejo, em um outro instante de presente. Mas o presente, mal saltado do futuro vivido, já não é então o passado, no momento mesmo em que é/foi vivido? Existe um absoluto poder dos tempos sobre nós, não somente como destino – sobre isto já se falou muita coisa – mas como isso: o fato de que não somos nem nós quem vivemos através dos tempos, mas são eles quem nos tomam em infinidades contemporâneas ou seqüentes de efêmeras vidas humanas, para se darem realidade através de nossas ilusórias vivências?

Parece que não, e sim.

Já que nem mesmo o presente é “furiável” e, como o passado e o futuro, ele “obedece igual” aos desmandos da pessoa, então, por que é que se esquece? Por que é que além de “fazer balancê” e se misturarem os ocos da alma, as coisas do passado tomam nela, alma, destinos tão desiguais? Por

que é que o que mais se quer, se apaga, enquanto às vezes o que foi ruim de se viver e, agora, é pior de se lembrar, é justo o que volta, sem que se queira?

Talvez por isso mesmo. Porque os tempos são nossos: são em nós, somos nós. São, como o sertão, um imenso espaço dos tempos que abarca as vidas e são, como ele, algo que, afinal, só existe mesmo é “dentro da gente”. E, sendo tão humanas, algumas lembranças dos tempos, que são todos os tempos da lembrança, se deitam, adormecem, esquecem de acordar.

Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. 237

Esta frase, dita alhures, tão conhecida, poderia se aplicar ao caso. Ou não?

o sertão, em volta

A pra, agora, achar de levantar em sanha todas as armas contra o Hermógenes e o Ricardão, ao instigadores? Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger a rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via. Eu disse: nãozão! 284

Em algumas crenças do norte de Minas para cima, o sertão é provisório. Um dia, ele irá virar mar. Mas, por agora, ele é o mesmo, imóvel. Um difícil cenário bruto e dos brutos, mas em que se pode confiar: um dia, mais favorável, no outro, mais seco. Mas até o momento de Deus o fazer virar mar, por causa do final dos tempos, apressado pela maldade dos homens, ele é como está.

Na narrativa de Riobaldo, o sertão um dia, genericamente, não vai virar coisa alguma. Ela já está já transformando o tempo todo, a todo momento: vira gente, vira tigre. Ele vira tigre como as pessoas viram tigre: “com as astúcias”, com a vontade de amor e de ódio. Com a força do sentir. Como se, o que sendo infinito, pudesse ser infinitamente todas as coisas. Pudesse fazer, com ou contra os homens, seus viventes, todas as coisas.

Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, e próprio mesmo. 289

Só consigo acompanhar até a metade as interpretações que psicologizam demais o sertão. Que deslocam demais do onde ele existe para o “dentro do homem”, ou os imaginários do “sentente”. É que ao invés de querer reduzir o simbolismo do sertão ao interior do homem, prefiro tornar “sentidor” o próprio sertão. Talvez nem seja torna-lo humano, o que é pouco. Talvez seja

pensar que ele possa além do homem: pleno sertão, logo, mais humano. Uma alma do mundo no qual tudo cabe.

Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe. 295

crer

Calado, considereei comigo. Esse Lacrau tirava a sensatez da insensatez. Outras informações ele disse. O senhor não é como eu? Sem crer, cri. 309

Antes de dizer a melhor definição de si mesmo, ele pergunta ao outro se os dois podem ser cúmplices. Sendo eu assim, não é assim que deve ser? Do mesmo modo como, adiante, ele, porque quer mito um amor, reza com muito fervor as suas ave-marias. Mas desconfia do defeito, no deixar afinal as orações a esmo. Não desconfia delas, fortes em si mesmas, apesar de quem ora; mas ele não crê em si mesmo. Não crê que o outro, sabendo quem ele é, converta-se à sua causa. Crer sem acreditar, algo como rezar sem esperar.

Sei que eu queria uma saudade. Para isso rezei, a todas as minhas Nossas Senhoras Sertanejas. Mas rebotei de lado aquelas orações, na água fina e no ar dos ventos. Elas, era feito eu lavrasse falso, não me davam nenhuma cortesia. Só um vexame de minha extração e da minha pessoa: a certeza de que o pai dela nunca havia de conceder o casamento, nem tolerar meu remarcado de jagunço. 310

os desmedidos

Eu pensei: enquanto aquele homem vivesse, a gente sabia que o mundo não se acabava. E ele era sertanejo? Sobre a minha surpresa, que era. Serras que se vão saindo, para destapar outras serras. Tem de todas as coisas. Vivendo se aprende; mas o que se aprende, mais, é só o fazer as maiores perguntas. 312

Daí uma outra frase, creio que do mesmo Guimarães Rosa: *atrás de morro, tem morro*. Porque o mesmo prazer ilimitado do reconhecimento do infindo, para os cenários – e por isso o sertão é bom e é terrível – vale para as pessoas e as virtudes. Tudo pode por igual, em seu plano, ser uma medida de grandeza absoluta: ser desmesurado, sem fim, ilimitado. O que não termina nunca: o sertão. O que nunca se acaba: o homem no seu aprender, no se formar a si mesmo. Se “o sertão está dentro da gente” é apenas porque cada um pode ser o sertão de si mesmo. E quando se aprendeu já muito, então é quando resta tudo a perguntar. “As pessoas não foram terminadas”. As perguntas

também não foram ainda todas respondidas. É preciso que por toda a parte haja um desmesuramento, a fim de que haja tempo, um dia, para que tudo se complete. Desmesurado é a imagem sertaneja de infinito.

Mas eu tirei de dentro do meu tremor as espantosas palavras. 317

onde, ao invés do demônio, a maravilha

A vulto, quase encostada em mim, uma árvore mal vestida; o surro dos ramos. E qualquer coisa que não vinha. Não vendo estranha coisa de se ver. 318

Ei, Lúcifer! Satanás, dos meus Infernos!

Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado.

(...)

Ao que recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidade – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai... As coisas assim a gente mesmo não pega nem a barca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas.” 319

Eu sempre achei bom acreditar que o oposto do terrível, do espantoso pelo tanto que pode ser ruim, do perigoso ao extremo, como a vida, ou do inesperado demais, como a morte etc não é algo grandioso pelo lado do bem, como a vida, como – quem sabe? – a morte. É, antes, algo como uma aragem em que até Deus uma vez ou outra se disfarça. Não tendo vindo o Diabo, que não existe, a melhor coisa é estar livre do mal o bastante para re-sentir os sinais da terra, os pequeninos sinais do sertão. O lugar do Paraíso não é o Cosmos absoluto, mas a beirinha de um riacho de águas limpas.

Ou, onde:

Recolhe e semeia areias. Fui cativo, para ser solto? Um burquinho d’água mata a minha sede, uma palmeira só me dá minha casa. Casinha que eu fiz, pequena, ô gente! 239

Pois a partir de um momento de sua travessia, tudo o que ele quer é grande e vazio, mas tudo o que ele deseja no fundo de si mesmo é profundo e pequeno.

o sertão, tudo

– O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...” – ele se Ornelas, dizia – O sertão é confusão em grande demasiado sossego (...) 343

O sertão é tudo, porque pode ser o contrário de si mesmo. Os jagunços descobriram a dialética antes de Hegel.

Mais adiante:

(...) conforme fatos houve. 353

contar, para compreender através do outro

Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi. 370

Sempre parece que Riobaldo acredita que está narrando o fio da verdade. Que está depondo por vontade própria, e está sendo franco. Mas, se sabe sobre o que está falando, ele, muitas vezes, parece não estar sabendo o que está dizendo. Ele, vimos, narra o que aconteceu: o acontecimento, para que o outro devolva a ele, mesmo em silêncio, o sentido do evento. Ele sabe dizer a sua vida, como foi, mas não sabe entendê-la como ela é. Acaso não é a mesma coisa que se passa com todos nós? Se todos conhecêssemos o sentido de tudo, para que dizer alguma coisa a alguém?

os nomes, sendo tudo sertão

– Desses córregos... Do Buriti-Comprido, Tamboril, Cambaúba, Virgens, Mata-Cachorro, das Cobras... Para cima da Barra-da-Vaca, Arinos, ... Em sertão são.

Eu gosto muito da frase desta imagem: as coisas, os lugares, os rios, tudo, não estão no sertão. Eles “em sertão são”. Quem anda por lá como ele andou e eu tenho andado sabe: “em sertão são”. Tudo existe, real, vem o homem e tudo é nominado. Tudo tem um nome, um Corguinho, às vezes (mas nem sempre) até uma vereda. Depois chegam os homens dos eucaliptos. E aí sim, os antigos nomes se perdem. Ficam só as setas sem rumos com os nomes de donos, entre os desertos verdes entre veredas secas. Ressecadas.

esquecer, gastando a lembrança

Ara, senhor, sim... – por fim ele falou resposta: – ... que a influência esmoreceu... A gente gastou o entendido... –; e estava meio envergonhado. 377

Agora a gente não sabe mais. Falou muito razoável... Falou muito razoável... Agora, com perdão vosso, a gente esquecemos, a gente gastou o entendido... 377

Acho esta uma das imagens mais inocentes e mais bonitas do *Grande Sertão: Veredas*. Os homens mais simples, catrumamos, homens da terra, não lembram mais porque haviam vindo e, por

isso, queriam ordens para poder voltar. Já não lembravam mais, gastaram o entendido, esqueceram os motivos. Não é que a memória tenha esquecido os fatos. É que o entendimento perdeu a lembrança do sentido da vinda. Então todos nós, como eles, não esquecemos só da matéria da lembrança: cenas, cenários, vivências, dramas do fio da vida, feitos do destino. Deslembramos significados, razões de. E é isto gastar o entendido. Continuar ali, sem saber o que. Continuar fazendo, sem lembrar porque. Então, já é tempo de voltar ao lugar de onde se veio.

a alegria, vocação

Só aquele sol, a assaz claridade – o mundo limpava que nem um tremor d'água. Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias! E fomos. Terras muito deserdadas, desdoadas de seus donos, avermelhadas Campinas. Lá tinha um caminho novo. 380

É preciso mesmo colocar um ponto de exclamação depois da palavra alegria: *alegrias!*

Muitas vezes me espanta que uma crítica desejosa de encontrar em João Guimarães Rosa as leituras mais profundas a respeito do mistério do humano, esqueça de ver a sua alma mais visível. Ela é inocente e feliz. Rosa é um autor sobretudo amoroso e desejoso do bem. Pudessem, Diadorim não morria nunca (mas ela/ele morreu?) e entre os dois tudo terminava da melhor maneira possível. Guimarães Rosa é, antes de tudo mais, um deslumbrado. É um místico de todas as bonitas crenças e, se dependesse dele, todas as pessoas se converteriam exageradamente ao “lado de Deus” e viveriam entre a prece e a maravilha.

Muitas vezes, relendo o *Grande Sertão*, eu sinto que ele exagera muito nas descrições dos encantos do sertão, não por artifícios de escritor-descritor, mas para que as pessoas sejam levadas, pela magia da palavra enamorada, a se deslumbrarem com “aquilo”, tanto quanto ele. O mal só existe para ser a antevéspera do bem e, no fim das contas, o único sábio do livro é o compadre meu Quelemem, para quem, espírito sertanejo, tudo é bom porque inevitavelmente tudo acabará bem. Até mesmo a alma de Hermógenes.

Mas é que, em tudo deslumbra a matéria vertente: do desafio à realização plena e inteira de cada ser, do Manuelzinho da C'roa a ele mesmo, Reinaldo, da transformação inevitável do mal em bem, da inexistência criada do Demo e da polissemia de tudo na imensidade inexplicável de Deus, a vida é misturada. Ela é discordada. Porque, se não fosse uma lenta depuração do desencantado ao encantamento, do desespero à persistente esperança, da rendição reencantamento, em nome do que acordar de manhã e começar a reviver? As vertentes do viver.

Homem, sei? A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão e as vertentes do viver. 381

Enfim, finalmente, alegria é o que até ao outro se recomenda, como uma espera, como um conselho.

Depois piorou. Mas outras coisas melhoraram. O senhor tenha na ordem o seu quinhão de boa alegria, que até o sertão ermo satisfaz. 393

de olho para a memória

Mas eu já estava com ela – com os olhos dela, para a minha memória. Magreza na cara fina de palidez, mas os olhos dela diferiam de tudo, eram pretos repentinos e duráveis, escuros secados de toda boa água. 390

Para a lembrança, às vezes imorredoura, basta um olho, um par de olhos. Um relance, um repente. Às vezes, o que de nunca mais se esquece é o que mal se viu

o sertão de Heráclito

A esses muito desertos, com gatinha pobrejando. Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos... 391

O bem subsiste no aparente existir imóvel e perene do mal. O que salva é o que se move, o que se converte de si em um outro. Sob o ilusório sertão imóvel, existe o verdadeiro: o que se move o tempo todo, mais do que as pessoas que pensam que se movem nele. Por isso mesmo, acontece de o sertão-movente dar aos outros o que cada um já é, antes, o nosso ser, o tigre em nós. Mas, assim também o seu bem, sua imensa virtude. Há uma frase latina, não sei se romana ou medieval, que lembra essa mesma idéia, de uma outra maneira: *quidquid recipitur, ad modum recipientis recipitur*. O que quer dizer mais ou menos o seguinte: “o que quer que seja recebido, é recebido de acordo com a forma de quem recebe”. Ou, então: “o que me é dado, eu recebo de acordo com como sou”. Ou, ainda, “lá fora” as coisas estão, como no Paraíso, para além do bem e do mal. É meu olho e é o meu gosto que as fazem ser o meu bem ou o meu mal. Sou eu o malino do mal do mundo.

Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem: e digo ao senhor: - sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: - ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo. 394

Ou, de outro modo:

Maiores vezes fico pensando. Em certo momento, se o caminho desmudasse – se o que aconteceu não tivesse acontecido? Como havia de ter sido a ser?
394

Como seria o que foi, se pudesse ter sido como não foi? Mas, então, seria?

Ou como:

Sobre os gerais planos de areia, cheios de nada. **395**

eu narro, o senhor entende

Minha noiva Otacília, tão distante – e belo branco rosto dela aos poucos formava nata, dos escuros (...) Tudo isso, para o senhor, meu senhor, não faz razão, nem adianta. Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas, eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslumbrado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram. Conforme foi. Eu conto; o senhor me ponha ponto.
401

Seria preciso escrever um livro inteiro só para comentar esse momento de pura maravilha do sentido e do sentimento.

Mas basta escrever de novo a sua menor frase: Como vago vou.

E bastaria lembrar o que tem sido um fio-sem-fim aqui. A idéia de que “eu conto ao outro para viver de novo”. Para saber o que eu não sabia. Não porque ele me explica, mas porque eu me redescubro na narrativa. Voltemos a um ponto de origem. Não é que se seja egoísta, mas narrando a um outro, sempre conto para mim mesmo. Porque existe um reviver no rememorar que não é apenas bom, como a boa saudade redita, revisitada a poder de palavras. Ele, o reviver na narrativa, completa mais do que o sentido não sabido, completa uma parte da vida ainda não vivida e tão passada. E isso é o sentido?

Que assim viemos. Mas, conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. **402.**

Mas o seu oposto pode ser também verdadeiro?

É preciso lembrar, narrando, porque já não se sabe mais o que se sabia. Como os catrumanos na despedida do bando; já se gastou o entendido. Foi o que Reinaldo disse, certa feita, a Riobaldo:

Mas Diadorim repuxou freio, e esbarrou; e, com os olhos limpos, limpos, ele me olhou muito contemplado. Vagaroso, foi dizendo:

- *“Riobaldo, hoje-em-dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia... 403*

Ele que sempre, ao outro, incerto, inseguro de si, parecia tão certo, tão certoiro.

Goiás

Mas isso eu relembro só por causa de meu amor a Goiás:

Céu é céu em azul, ao deusdar. O senhor vá ver, em Goiás, como no mundo cabe mundo. 403

E Carlos Drummond de Andrade, alhures, diria:

“Goiás, a extinta pureza.”

os tempos, de novo fundidos?

Onde era que estava ele? Sabia não, sem nenhuma razoável notícia; mas, notícia que se vai ter amanhã, hoje mesmo ela já se serve... 409

Sabia; sei. Como cachorro sabe. 409

Como é que cachorro sabe? Como um imenso presente. Como um tempo de agora vivido, absoluto, que funde no seu cada instante todo o passado e todo o futuro. A notícia de amanhã já chega agora, já serve agora. É que o ontem do amanhã está no momento exato do presente.

querer como uma árvore

Tudo em mim, minha coragem: minha pessoa, a sombra de meu corpo no chão, meu vulto. O que eu pensei forte, as mil vezes: que eu queria que se vencesse; e queria quieto: feito uma árvore. 420

O querer de uma árvore. O querer como uma árvore; como uma árvore, imóvel e serena, quer. Mais em outros livros do que no Grande Sertão: Veredas, algumas árvores são como personagens da história. São algo que demarca tanto o cenário, que lhe dá de tal forma um centro, que elas emergem de seres imóveis, seres de cenário, a personagens que, como as pessoas, como os bichos de certos contos exemplares (do Sagarana, por exemplo) contracenam com eles, contracenam com os humanos.

Buriti Bom é uma árvore descomunal e é o nome de uma novela de Corpo de Baile. É desmesurada, mas, no mais, igual às outras. Mas ao ser tão mais imensa do que todas, do que tudo à sua volta, ela cria a própria dimensão exemplar de uma sua beleza única. Como, sendo tão igual a todos os outros buritis, menos no tamanho? Em ser tão grande. Em alrear-se tão exagerada por cima de todas. Há um tipo de beleza que emana do exagero. É uma beleza exuberante, mesmo que tudo o

mais nela seja igual. A diferença entre o rio correndo, manso e, de repente, o grave fragor de uma cachoeira. A pouca mansa água, comportada antes, exagera de si mesma e se despenca ruidosa, incontrolável e devoradora.

Como o exagero de certos sentimentos, a exuberância de um amor por um mulher que não cabe dentro do homem que sente. Que se exagera dentro dele. Que precisa extravasar desmesuradamente. Como o enamorado da causa perdida de O amor nos tempos do cólera. Ele escrevia cartas à sua amada e, em nome dos apaixonados analfabetos, escrevia na praça enormes cartas exageradas. Cartas de um afeto que, sendo de um outro por uma outra, era exatamente o seu.

Como haveria de querer alguma coisa, o Buriti Bom?

o sertão, grande

*Deus que me punia – que hora tem – ou o demo pegou de regatear? E entendi que podia escolher de largar ido a meu sentimento: no rumo da tristeza ou da alegria – longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande...
424*

O “como”, antes do sertão, pode ser aqui uma comparação, ou pode ser o começo de uma mansa exclamação. Eu podia largar ido o meu sentimento grande, tal como o sertão. Ou, eu podia largar ido o meu sentimento e, ah, como o sertão é grande!

Prefiro a segunda escolha, mesmo sabendo que ela é a menos provável.

vinha, viesse

Vinha. Trinquei os dentes. Mordi mão de sina. Porque era dia de antevéspera: vier e veja. Mas isso, tão em-pé, tão perto, ainda nuveava, nos ocultos do futuro. Quem sabe essas pedras em redor estão aquecendo, e que em uma hora vão transformar, de dentro da dureza delas, como pássaro nascido? Só vejo segredos? 25

Do medo de não prever o que-há-de-vir, sai ao mesmo tempo a impotência e o poder. Quem nada prevê, tudo sabe? Assim como pressentir já é uma espécie de saber. Às vezes, o momento presente é de um céu claro, sereno, azulíssimo. Mas em mínimos sinais de antevésperas do clima, algumas pessoas aqui de Minas são capazes de prever a insuspeitada mudança: “Vai chover logo.” E chove. Mas aqui a véspera era de grande guerra: o que vinha, viesse.

ele mandava e, depois, rogava

Eu mandava, eu impunha: eles tinha de baixar meu julgamento (...) Fosse bom, fosse ruim, meu julgamento era. Assim. Desde depois, eu me estava:

rogava pra minha vida um remir – da outra banda de um outro sossego.
432

Aqueles que obedecem, pouco sabem que quem manda, depois, em silêncio, sempre implora um descanso; um sossego difícil, pedido, suplicado, para a outra banda da vida. Quem obedece finge menos, mas quem manda é o maior fingidor.

Um dos contos de O livro de areia, de Jorge Luis Borges, começa assim:

“Meu relato será fiel à realidade ou, em todo caso, à minha lembrança pessoal da realidade, o que é a mesma coisa.”

Mas o que manda poderia dizer isto? Menos do que os outros, sim. Porque ele está preso ao destino de mandar, de precisar sempre dizer aos outros a sua ordem. Atento ao que manda e ao seu cumprimento. Servo de sua própria lei, de ver-se obrigado a cumpri-la e de ver os outros cumprindo-a. Sempre atento ao seu mando, não a si mesmo. Quem manda pensa que sabe e tem poderes. Mas ele manda porque precisa dos outros para cobrirem a sua própria impotência com o seu saber e com o poder de seus gestos, mandados, mas eficazes.

Não existe por acaso um provérbio mais ou menos assim: quem não quer, manda; quem quer, faz?

o outro

Aí pensei: será, o Alaripe estava sendo um homem se envelhecendo? Amigo meu – e meu estranho. Até me lembro, pensei assim. **433**

Onde todos estão em guerra uns contra os outros e são bandidos de um lado e do outro. Onde todos podem ser muito irmãos em um momento e inimigos ferozes no outro. Onde a mão que mata perdoa, de um virar para o outro da mesma página. Onde viver é provisório, mais do que perigoso. Onde há tudo isso, as pessoas são assim: ao mesmo tempo o amigo, o próximo e o outro na bruma, o distante. O estranho irmão que dorme ao relento ao meu lado e de quem eu sei tudo, que amanhã pode morrer comigo, ou por mim, e de quem eu ignoro tudo. Que a uma ordem do chefe pode ser o meu carrasco ou o meu salvador.

Essas pessoas no limite da existência servem para ser o modelo de como, fora desse limite, todos somos? Mas eu gosto de pensar o contrário também. Um estranho pode ser, de um momento para o outro, um próximo; meu próximo. Aquele que é tão próximo de mim que se confunde comigo. Alguém que passou na rua e eu quase não vi. Mas, no pouco que vi, algo dele ficou marcado em mim. Ficou gravado de tal sorte que não posso mais pensar nada, pensar-me a mim,

sem que evoque “aquilo”; “aquele” de quem não sei nada, absoluto estranho. E de quem não ficou nada, a não ser isso que se move em mim, como uma pequeníssima chave sem a qual, no entanto, a imensa máquina da memória não funciona.

Por isso, somos todos responsáveis pelos mínimos gestos. Por todos, mas pelos menores, principalmente.

o sertão descoberto

Há uma passagem surpreendente. Na última vez em que o jagunço ousa perguntar de frente sobre o sertão, ele faz a pergunta a uma pessoa: a um cego, à mais mínima pessoa de todas as que o acompanham. Mas ele é Tirésias. Ele sabe e devolve ao outro, assustado, a sua razão.

Donde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era idéia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ... Satanão! Sujo! ... e ele disse somentes – S ... – Sertão...

Sertão...

Na meia detença, ouvi um limpado de garganta, que moveu os braços e as mãos; feio, feito negro que embala clavinote. Sem nem sei por quê, mal que perguntei:

- Você é o Sertão?!

- Ossenhor perfeitamém, ossenhor perfeitamém... Que sou é cego Barromeu... Ossenhor perfeitamém... – ele retorquiou. 448

Isso no meio do terror do grande combate final. Ele, o chefe, primeiro temeu, depois, guerreou.

E que água não provei bebida, em cigarro pitei. Esperançado meu destino: desgraça de mim! Eu! Eu...449

Eu quem? O sertão?

vida, lembrança, ainda, ainda

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco?

O Urucua é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum?

O senhor enche uma caderneta... o senhor vê aonde é o sertão? 451

A frase aparentemente solta do rio, do Urucuia (“Rio meu, de meu amor”) é para trazer de volta a imagem de Heráclito? Ainda mais que o rio tem um gosto, tem uma qualidade. Manuelzão dizia mais de uma vez em nossas entrevistas na viagem ao norte de Minas: “Eu estou com a minha vida vencida.” Subitamente encontro uma frase quase igual aqui. Mas ela é muito comum entre os velhos dos sertão. Não é apenas que se tenha envelhecido, o que é uma coisa do corpo, da mente. É, também, que aquilo a que se veio e fez tudo o que havia. O velho tem saudades porque sabe que não resta mais nada a não ser lembrar e esperar. Mas a lembrança de um pode ser o ensino do outro? Vida ensina vida, instrui? Ele desconfia o tempo todo. O outro ouve e escreve. Ele anota o que narra não sabe para o que, mas desconfia, de novo.

Da minha vida, narrada tão em detalhes, sobre o quê? Do que narrar serviu pra mim eu mal sei, mas narro. Para o senhor, sei menos ainda, mas o senhor me ouça. Estamos os dois presos, atados, num mesmo fio.

Eu só narro do começo para chegar, com o senhor, ao final.

Não é para saber de mim, de uma vida inteira, vencida. É para saber de si, do sertão. Será que o senhor sabe? Ficou sabendo de me ouvir?

Beira dele, meio dele?... Tudo sai mesmo é de escuros buracos, tirante o que vem do céu. Eu sei. 451

Não porque me contara – e, então, contar é inútil – mas porque eu vivi: nele, dele, de tê-lo em mim.

O que é este escrito

O **sertão errante** foi escrito em uma primeira longa versão, em Pocinhos do Rio Verde, Caldas, no Sul de Minas. Foi concluído na Fazenda Buritis, no Noroeste da mesma Minas.

Foi um dos frutos de uma viagem de 26 dias aos caminhos do **Grande sertão: veredas**, em um julho de 1989, na companhia de outras três pessoas, duas da **UNICAMP** (comigo três), e uma livre do mundo universitário.

Foi originalmente publicado como uma das quatro trilhas, ou capítulo de: **Memória/Sertão – cenários, cenas, pessoas e gestos dos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. O livro foi publicado em 1998 pela Editora da Universidade de Uberaba e da Editora Cone Sul, de São

Paulo. Parece tratar-se agora de um livro esgotado de editora desaparecida. Na versão original do livro está entre as páginas 97 e 162.

Uma parte, relida, revista e reduzida, foi entregue em 16 de junho de 2006 ao *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, para um livro que deverá ser publicado com os trabalhos apresentados durante o inesquecível *Seminário Internacional João Guimarães Rosa*, promovido pelo mesmo Instituto da mesma Universidade, por ocasião dos cinquenta anos do **Grande sertão: veredas** e do **Corpo de Baile**.

Rosa dos Ventos – Sul de Minas

16 de junho de 2006 – fim do outono

Recebido em 07/05/2017.

Aceito em 05/08/2017.

Publicado em 02/01/2018.